

## O “anarquismo sem adjetivos” através da trajetória libertária de Angelo Bandoni.

Repensando a classificação dos anarquistas italianos em São Paulo no início do século XX proposta pelos autores do livro *Black Flame*

The “anarchism without adjectives” through the libertarian route of Angelo Bandoni. Reconsidering the italian anarchists in São Paulo in the beginning of the twentieth century proposed by the authors of book *Black Flame*

Bruno Corrêa de Sá e Benevides\*

**Resumo:** Este artigo tem como proposta discutir, por meio da trajetória do anarquista de origem franco-italiana Angelo Bandoni, a classificação elaborada pelo livro *Black Flame* para os libertários italianos em São Paulo no início do século XX, especialmente aqueles reunidos em torno do jornal *La Battaglia*. Apesar da forte tendência antiorganizacional de Bandoni, buscou-se compreender a sua ação enquanto militante para além das vertentes do anarquismo, postulando que a sua melhor descrição seja a de um “anarquista sem adjetivos”.

41

**Palavras-chave:** Angelo Bandoni, “anarquismo sem adjetivos”, anarquistas italianos, São Paulo – Brasil, classificação, *Black Flame*.

**Abstract:** This article proposes to rediscover, through the trajectory of the French-Italian anarchist Angelo Bandoni, the classification elaborated by the book *Black Flame* to Italian libertarians in São Paulo in the early twentieth century, especially those gathered around the newspaper *La Battaglia*. Despite Bandoni's strong anti-organization tendency, sought to understand his action as a militant beyond the strands of anarchism, postulating that his best description is that of an “anarchist without adjectives”.

**Key words:** Angelo Bandoni, anarchism without adjectives, Italian anarchists, Sao Paulo – Brazil, classification, Black Flame.

Recibido: 23 junio 2018 Aceptado: 12 agosto 2018

---

\* Brasileiro, Rio de Janeiro, licenciado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Mestre em História pela mesma instituição, encontra-se vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira – GEPHEB no âmbito do NEB/PPGED./UNIRIO, e ao Grupo de Estudos Libertários (GEL/UNIRIO). E-mail: brunoebenevides@gmail.com.



## Apresentação

De acordo com um ramo da historiografia sobre o anarquismo desenvolvida até a década de 1980, as correntes anarquistas dividem-se, *grosso modo*, em individualistas e associacionistas. Os “primeiros, genericamente, rejeitavam toda e qualquer forma de organização política como instrumento de ação”<sup>1</sup>, enquanto que os segundos entendiam ser crucial “a existência de uma estrutura organizativa mínima dentro da sociedade, sem que esta implicasse em relações de autoridade e hierarquia”<sup>2</sup>.

No tocante às tendências associativas do anarquismo, podemos localizar duas correntes: a que passaram a ser conhecidas como anarcocomunista, possuindo forte aproximação aos aportes teóricos do anarquista russo Piotr Kropotkin e do italiano Errico Malatesta; e outra que utilizava a organização sindical como tática de luta, e foram muito influentes no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, onde editaram, por exemplo, o periódico *A Voz do Trabalhador*.

Durante o período em que viveu no Brasil, Angelo Bandoni tendeu a assumir uma posição não muito bem definida dentro do anarquismo. Porém, inúmeras vezes se declarou contrário à tese que dizia ser obrigatória a conformação dos anarquistas em torno de uma organização sindical, de modo que grande parte da historiografia recente o define como um antiorganizador<sup>3</sup>.

Outro ramo dessa historiografia, contudo, foi mais além, e tendeu a identificar as suas críticas às organizações sindicais como um elemento que o ligasse ao insurrecionalismo defendido pelo anarquista italiano Luigi Galleani. Isso se deu em razão da classificação elaborada por Michael Schmidt e Lucien van der Walt com a publicação da obra *Black Flame. The revolutionary class politics of Anarchism and Syndicalism*<sup>4</sup>, que afirmam serem duas as correntes do anarquismo: o anarquismo insurrecionalista e o anarquismo de massas. Para a primeira vertente, as reformas seriam ilusórias, sendo os movimentos de massa organizados (como os sindicatos) incompatíveis com o anarquismo, concedendo ênfase à ação armada contra a classe dominante e suas instituições, como o principal meio de despertar uma revolta espontânea revolucionária<sup>5</sup>.

No Brasil, essa maneira de classificar passou a ter guarida a partir do trabalho de Felipe Corrêa, *Rediscutindo o anarquismo*, ao ressaltar a crítica feita pelos anarquistas italianos de São Paulo, sobretudo daqueles agrupados em torno do periódico *La Battaglia*<sup>6</sup>, no

<sup>1</sup> Além disso, são caracterizados por ter certa “aproximação, ainda que inconsciente, com o individualismo de Max Stirner”. Inconsciente, pois muito dos anarquistas jamais leram ou tiveram contato o autor alemão (Romani, Carlo. Oreste Ristori: uma aventura anarquista, São Paulo, Annablume, 2002, p. 40-42).

<sup>2</sup> Romani, Carlo. op. cit., p. 40-42.

<sup>3</sup> Felici, Isabelle. Gli anarchici italiani di San Paolo e il problema dell'organizzazione operaia (1898-1017), Blengino, Vanni, Franzina, Emílio e Pepe, Adolfo. La riscoperta delle Americhe: Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina (1870-1970), Teti Editore, 1994.

<sup>4</sup> Van der Walt, Lucien e Schmidt, Michael. *Black Flame. The revolutionary class politics of Anarchism and Syndicalism*, Oakland (CA), AK Press, 2009, p. 123-124.

<sup>5</sup> Ibid., p. 123. Ainda segundo os autores, se enquadrariam **nessa** estratégia: anarquistas como Luigi Galleani, Emile Henry, Ravachol, M. Jacob, Nicola Sacco, Bartolomeo Vanzetti, C. Duval e Severino Di Giovanni. Foi defendido também por franceses do Bando de Bonnot e os russos do Chernoe Znamia e do Beznachalie, entre outros que defenderam, ainda que momentaneamente, o insurrecionalismo.

<sup>6</sup> O *La Battaglia* foi um periódico anarquista escrito em língua italiana publicado em São Paulo, fundado pelo anarquista toscano Oreste Ristori (1874-1943), em junho de 1904. Ristori, que chegou a São Paulo em março de 1904 (local onde a comunidade de anarquistas de origem italiana era bem ampla), formou um grupo redator inicial



início do século XX, em relação aos militantes operários que tenderam a se agrupar em torno de uma organização sindical, cujo objetivo, de acordo com eles, era a conquista de reformas imediatas no bojo das relações trabalhistas, deixando de lado a luta maior que deveria ser pela revolução social. Tal posição, ainda segundo o autor, seria uma nítida evidência da proximidade deste grupo em relação aos insurrecionalistas, cuja base teórica seria Luigi Galleani e que seriam melhor denominados como antiorganizadores<sup>7</sup>.

Ainda dentro dessa perspectiva, tal anseio pela taxinomia dos anarquistas no Brasil entre aqueles a favor ou avessos às organizações não seria uma proposta neutra do ponto de vista histórico, mas uma demanda oriunda de seus defensores no afã de fazer uma reflexão para o tempo presente no intuito de legitimar a existência de alguns grupos anárquicos na atualidade. Esses defensores ainda seriam responsáveis por incorporar ao debate uma discussão sobre os modelos de organização anarquista ocorrida na Europa na segunda metade dos anos 1920.

A referida disputa encetada nos anos vinte envolveu alguns militantes russos exilados na França após a repressão bolchevique<sup>8</sup> e outros anarquistas. De uma maneira geral, o debate se estabeleceu a partir das posições dos russos, por meio da publicação de “A Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas”<sup>9</sup> e de duas respostas, denominadas de “A Síntese Anarquista”<sup>10</sup>, publicadas por Volin e Sebastian Faure<sup>11</sup>. As críticas à Plataforma, nome como o movimento passou a ser reconhecido, foram contundentes e envolveram as figuras mais proeminentes do anarquismo internacional, bastando mencionar

---

contando com a participação de Alessandro Cerchiai, Angelo Bandoni, Tobia Boni, e Gigi Damiani. O semanário de quatro páginas chegou a ser publicado ininterruptamente todas as semanas, durante 9 anos, até agosto de 1913, embora tivesse mudado de nome, em setembro de 1912, para *La Barricata*, alcançando uma tiragem que chegou, em alguns anos, a 5.000 cópias semanais (Romani, Carlo. op. cit., p. 130).

<sup>7</sup> Corrêa, Felipe. Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica, Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 173-174 e Van der Walt, Lucien e Schmidt, Michael. op. cit., p. 132. Tanto os autores sul-africanos, quanto Corrêa, não trataram de classificar direta e especificamente Angelo Bandoni. Mas como este fez parte do grupo de articulistas do jornal *La Battaglia* e manteve posição de críticas às organizações sindicais, trabalhos recentes tenderam a classificá-lo como um insurrecionário e influenciado pelas teorias galleanistas (ver por exemplo: Santos, Kauan Willian dos. “Paz entre nós, guerra aos senhores”: o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais nos grupos e periódicos anarquistas guerra social e a plebe na segunda década do século XX em São Paulo, Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 36-37 e Id., Ultrapassando limites, conjurando a liberdade: revolução e nação na trajetória política de Angelo Bandoni em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX, Revista Mundos do Trabalho, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 57-74, 2016).

<sup>8</sup> Estes anarquistas russos se articularam em torno da revista *Dielo Truda*, por meio de um grupo conhecido pelo próprio nome da revista, que tinha entre seus militantes Makhno e Arshinov.

<sup>9</sup> A proposta platiformista reconhece “a necessidade dos anarquistas se unirem em uma organização de bases sólidas que, em meio às massas, deve impulsionar a revolução social violenta e estabelecer o comunismo libertário”. Além disso, “constitui uma proposta de programa para os anarquistas”, que reúne uma série de medidas e dentre essas “destacam-se os princípios propostos para o modelo de organização anarquista defendido” (Corrêa, Felipe. op. cit., p. 181).

<sup>10</sup> Volin acusou a Plataforma de estar desenvolvendo um modelo bolchevique de organização, que apontava para uma forma autoritária de organização, e “defendeu a proposta de uma organização anarquista que associasse as diversas tendências do anarquismo”. A sua posição consolidou-se em 1934, “na qual defende “unificar, em certa medida, a teoria e também o movimento anarquista, num conjunto harmonioso, ordenado, acabado” (Rossineri, Patrick. Entre a plataforma e o partido: as tendências autoritárias e o anarquismo, Piracicaba, Ateneu Diego Giménez, 2011 e Corrêa, Felipe. op. cit., p. 181).

<sup>11</sup> Ibid, p. 180-181.



Errico Malatesta, Luigi Fabbri, Camillo Berneri, Sébastien Faure, Max Nettlau, Alexander Berkman, Emma Goldman, entre outros<sup>12</sup>.

Ainda de acordo com os partidários da divisão dos anarquistas brasileiros entre organizadores versus antiorganizadores, seria possível “identificar similaridades significativas entre a proposta da Síntese e a defesa do “anarquismo sem adjetivos” na Espanha do século XIX” (sustentado por Tárrida de Marmól e Ricardo Mella), nas reflexões de Emma Goldman e no modelo praticado pela FAI (Federação Anarquista Ibérica). Por outro lado, segundo essa mesma perspectiva, poderia, também, identificar semelhanças entre a Plataforma e a teoria de Bakunin e a prática da ADS (Aliança da Democracia Socialista)<sup>13</sup>, assim como nas posições da FAU (Federação Anarquista Uruguaia) e da FAKB (Federação dos Anarco-Comunistas Búlgaros)<sup>14</sup>.

No Cone Sul, a partir da década de 1980, por iniciativa da FAU (fundada em 1956), desenvolveu-se a difusão de uma tendência “neoplataformista” denominada especificismo. Tal tendência era defensora de propostas semelhantes com o plataformismo dos anos 1920, “ainda que de uma fundamentação diferente e de uma genealogia diferente”<sup>15</sup>. A partir dessa proposta inicial, outras de origem latino-americana vão surgindo e se desenvolvendo inclusive no Brasil<sup>16</sup>. Em contraposição, consolidou-se o movimento denominado sintetismo cujo objetivo foi a constituição de federações locais heterogêneas, declaradamente anarquistas, defendendo a diversidade tática capaz de reunir militantes de diferentes tendências anárquicas, unindo-se na Internacional de Federações Anarquistas (IFA, já existente desde 1968), sendo que esta última não exerce nenhum tipo de poder de comando sobre tais federações regionais.

Em outras palavras, de uma maneira geral, o objetivo das análises até aqui apresentadas é defender que a proposta dos atuais grupos especificistas latino-americanos é uma derivação histórica do movimento plataformista europeu de meados da década de 1920. E, por consequência, este último seria um desdobramento direto mais próximo das ideias de Bakunin no seio da AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), isso em razão da estratégia de luta e da forma organizativa adotadas pelo especificismo. Do mesmo modo, como corolário, no caso do movimento anarquista brasileiro desenvolvido nos primeiros anos do século XX, os grupamentos defensores das organizações (sindicais) possuiriam maior semelhança com este modelo bakuninista, devendo, assim, ser considerados pertencentes a um anarquismo mais “original”, mais legítimo.

Em contraposição, aqueles contrários a um projeto organizativo via sindicatos, como os libertários italianos de São Paulo (especificamente os militantes reunidos em torno do *La Battaglia*), teriam se afastado da Internacional e das proposições do teórico russo, e em razão

<sup>12</sup> Rossineri, Patrick. op. cit., p. 16.

<sup>13</sup> Basicamente, a ADS (1868), tanto durante o seu funcionamento de forma pública quanto durante o período em que funcionou secretamente, foi uma organização criada por Bakunin e os bakuninistas que serviria para conceder suporte a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) com o objetivo de impulsionar os movimentos sociais, porém sem exercer relação de dominação ou hierarquia sobre a Internacional (Bakunin, Mikhail. *Revolução e Liberdade. Cartas de 1845 a 1875*, São Paulo, Hedra, 2010, p. 24).

<sup>14</sup> Corrêa, Felipe. op. cit., p. 184-185.

<sup>15</sup> “Postula que os anarquistas devem se agrupar em organizações de caráter ideológico especificamente anarquista e dali trabalhar nos movimentos sociais. Também se insiste na unidade teórica, na unidade tática e no desenvolvimento de políticas da organização específica aos movimentos sociais nos quais seus militantes participam. aprofundando as bases do especificismo” (Ibid., p. 238).

<sup>16</sup> A fundação, em 2012, da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB), por exemplo.



disso passariam a propagar, equivocadamente, a antiorganização, por serem seguidores do insurrecionalismo de Luigi Galleani. Tais análises, entretanto, são sensivelmente generalizantes, pois classificam de forma inexorável os militantes italianos, não ressaltando e se atentando para as especificidades de cada anarquista. Além disso, realizam um estudo histórico sem considerar as fontes e não se atentam para a história do próprio anarquismo na Itália. Em outras palavras, dobram o passado para justificar o presente, e acabam por cometer equívocos<sup>17</sup>. Nesse sentido, a proposta deste artigo é, por meio do exame dos textos produzidos por Angelo Bandoni em sua integralidade, repensar a sua adjetivação enquanto antiorganizador e insurrecionalista gallianista, fato que será feito nas próximas páginas.

### Uma breve biografia de Angelo Bandoni<sup>18</sup>

O *hall* da fama do anarquismo em São Paulo nos primeiros anos da República é composto por militantes emblemáticos como Gigi Damiani, Oreste Ristori, Tobia Boni, Alessandro Cerchiai, Edgard Lourenroth, Florentino de Carvalho, Neno Vasco, entre outros, que em razão de suas ações aguerridas despertaram interesse na produção de trabalhos biográficos<sup>19</sup>. Para alguns historiadores e memorialistas, o nome Angelo Bandoni também se insere nesse grupo.

Angelo Bandoni, nasceu em 2 de julho de 1868 em Bastia, uma cidade localizada ao norte da ilha da Córsega na região do mar Mediterrâneo. Vale ressaltar que a ilha da Córsega, até o ano de 1769, sofreu grande influência política de diversos reinos, principalmente os italianos ainda não unificados, quando a partir desta data passou a pertencer ao domínio da França<sup>20</sup>. Essa informação possui grande relevância, na medida em que demonstra ser Bandoni francês de nascimento, mas de cultura italiana.

Apesar de ter nascido na Córsega, este tinha origem italiana por parte materna e paterna, pois ambos eram de Livorno. Após seu nascimento, a família Bandoni viveu na ilha francesa por mais 18 anos, quando ele, seu pai (Giovanni Bandoni) e seu irmão migraram em direção à Itália.

De Bastia, a família Bandoni chega à cidade de La Spezia onde se estabelece no ano de 1886. A trajetória de Angelo na Itália é um conjunto de “idas e vindas”. No momento em que aporta na península itálica, o anarquismo estava fervilhando e sofria intensa repressão por parte das autoridades italianas. No final do século XIX, o país era possuidor de uma massa

<sup>17</sup> Sobre essa ideologização da história do anarquismo há o extenso trabalho de René Berthier, *Commentaires sur “Black Flame” et divers autres ouvrages. Reflexions sur l’anarchisme et le syndicalisme révolutionnaire*. Cercle d’Études libertaires Gaston-Leval, 2017. Nessa obra em vias de tradução ao português, Berthier traça uma comparação entre as ideias propostas principalmente por Michael Schmidt e Lucien van der Walt, Felipe Corrêa e Edilene Toledo, verificando a sustentação das mesmas ou não nas fontes da época.

<sup>18</sup> Sobre as informações biográficas de Angelo Bandoni mencionadas neste texto ver: Benevides, Bruno Corrêa de Sá e. O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

<sup>19</sup> Sobre Gigi Damiani: Fedeli, Ugo. Gigi Damiani. Note biografiche: il suo posto nell’anarchismo, Cesena, L’Antitato, 1954; sobre Oreste Ristori: Romani, Carlo. op. cit.; sobre Edgard Lourenroth: Khoury, Yara Maria. Edgard Leuenroth, uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista, São Paulo, USP, 1989; Neno Vasco: Samis, Alexandre. Minha pátria é o mundo inteiro. Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos, Lisboa, Letra Livre, 2009 e Florentino de Carvalho: Nascimento, Rogério H. Z. Florentino de Carvalho. Pensamento social de um anarquista, Rio de Janeiro, Achiamé, 2000.

<sup>20</sup> Rey, Didier. Historique des migrations en Corse depuis 1789, PESTEIL, Ph (Org.). Histoire et mémoires des immigrations en région Corse, Corte: Université de Corse – Pascal Paoli, 2008, p. 05.



trabalhadora ainda predominantemente agrária e artesã, que passava por grandes dificuldades e uma miséria crescente. O processo de industrialização na região norte do país e as periódicas crises econômicas geraram um expurgo de proletariados desempregados provocando uma profunda desigualdade social e entre regiões<sup>21</sup>.

Tais condições favoreceram o desenvolvimento do movimento anarquista, sobretudo nas regiões da Toscana (seu berço), Firenze, Prato, Livorno, Massa, Carrara e dali foi ampliando o seu raio de propagação por toda a península até 1898<sup>22</sup>, quando experimentou o seu processo de enfraquecimento em razão de uma intensa repressão. Fator preponderante no desenvolvimento dos ideais libertários foi a passagem de Mikhail Bakunin na Itália entre os anos de 1864 a 1867, cujos ensinamentos colaboravam na formação de dois dos maiores expoentes do anarquismo italiano – Errico Malatesta e Carlo Cafiero<sup>23</sup>.

Uma das características essenciais do proletário italiano do final do novecentos foi o estabelecimento de um nexos entre o pensamento e a ação, onde a camada mais baixa do proletariado, os *braccianti* (trabalhadores, jornaleiros ou boia-fria), em “contato com um discurso teórico do socialismo, apropriou-se gradativamente das premissas teóricas anarquistas rejeitando, porém, as práticas de luta da pequena burguesia”. O modelo de reação adotado por esse novo contingente anarquista contra a “exploração de quem os dominava passou a ser sistemática: a realização de furtos campestres e o incremento dos bandos armados”<sup>24</sup>.

Por consequência, duas vertentes do anarquismo na Itália se desenvolveram. O individualismo, aqui incluídos os insurrecionalistas, já desde a década de 1870 quando da perseguição aos trabalhadores internacionalistas após o fim da Comuna de Paris, e o chamado anarco-comunismo, a partir da concepção originária de Kropotkin e muito defendido por Malatesta desde seu regresso da Argentina ao final da década de 1880. Como a corrente individualista foi mais forte até quase o final do *dezenove*, percebe-se certa e efêmera proximidade de Angelo Bandoni com esta vertente, tendo em vista algumas de ações à época de sua estadia na Itália. E que ações foram essas?

O jovem Bandoni não tinha endereço e nem destino certo, transitando por distintos lugares da costa tirrênica norte italiana. Todos esses sítios inclusive sob grande influência do anarquismo. Depois de constatar a sua primeira aparição em La Spezia (1886), os registros policiais apontam que ele havia sido preso na comuna de Lucca (1887), na região da Toscana, por contrabando de moeda falsa, permanecendo privado de sua liberdade até final de 1890, quando, após ter cumprido a sua pena, retornou pela segunda vez a La Spezia.

No mesmo ano que foi posto em liberdade, Bandoni foi novamente condenado a cinco anos de reclusão por furto, roubo e uso de documento falso. Só que desta vez cumpriu pena na Argélia, colônia administrada pelo Estado da França, já que era francês nato. Em 1895, após ter saído da prisão, retorna pela terceira vez a La Spezia, ocasião em que foi mais uma vez detido (por nove meses) e definitivamente expulso da Itália. Entre os anos de 1895 a 1900 há divergências nos registros policiais. Uma versão menciona que durante este período migrou

<sup>21</sup> Sobre a Itália na segunda metade do XIX, ver: Biondi, Luigi. Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920, Campinas, Ed. Unicamp, 2011, p. 39-40 e Hobsbawm, Eric. A era dos impérios (1875-1914), 16ª Ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013, p. 183-184, para uma compreensão do universo proletário neste mesmo período.

<sup>22</sup> Levy, Carl. Gramsci and the Anarchist, New York, Berg, 1999, p. 07.

<sup>23</sup> Pernicone, Nunzio. Italian Anarchism, 1864-1892, New Jersey, Princeton Legacy Library, 1993, p. 03-04.

<sup>24</sup> Romani, Carlo. op. cit., p. 32.



clandestinamente para a Argentina, retornando à Itália anos depois. A segunda versão diz que veio para o Brasil e posteriormente retorna à comuna de La Spezia.

Em maio de 1898, uma forte onda de repressão assolou os anarquistas. Com a deflagração da revolta contra o aumento do pão, as forças do rei Umberto I (1878-1900) acertaram o cerne do movimento libertário na tentativa de reprimir os “subversivos”. Desta forma, iniciou-se uma sequência de expulsões e prisões por todo o país. Além disso, foi necessário empurrar essa massa proletária para um lugar distante e amenizar as tensões internas, o que foi providenciado pelo governo italiano através da imigração em massa para a América<sup>25</sup>. Foi exatamente nesse contexto conflitante e de grande repressão, que Bandoni teve a sua expulsão decretada.

No dia 05 de maio de 1900, Angelo Bandoni aportou em Santos, no Estado de São Paulo, a bordo do vapor *Città di Genova*. Veio sozinho em busca de novos rumos na América. Tinha apenas 30 anos e do Brasil jamais se mudou, permanecendo no país por mais de 47 anos.

Quando chegou a terras brasileiras, residiu em uma área rural na zona oeste do Estado de São Paulo, denominada Água Virtuosa. Possivelmente nesse momento deve ter trabalhado no campo como colono agrícola, fenômeno muito comum junto aos italianos recém-chegados ao país no final do *oitocentos*. Em um segundo momento, muda o local de sua residência para o centro urbano paulistano, mais especificamente no bairro do Bom Retiro (região onde abrigou grande quantidade de imigrantes italianos).

A escravidão havia sido recentemente abolida (1888) e a República acabara de ser proclamada (1889) quando adentrou ao país. O parque industrial nacional ainda era muito incipiente e se restringia ao Estado de São Paulo e Rio de Janeiro. Quer dizer, o movimento de trabalhadores operários ainda estava germinando. Portador de certo *capital* libertário adquirido no exterior, assim como diversos militantes, Bandoni contribuirá ativamente na formação da massa trabalhadora organizada, sobretudo propagando as ideias anarquistas.

As suas ações libertárias tiveram maior ênfase na propaganda e na informação dos trabalhadores. As práticas mais “subversivas”, aquelas cometidas no estrangeiro, haviam sido deixadas para trás. Entrava em cena agora um novo Bandoni, mais intelectualizado e maduro. Tanto é assim, que durante o período em que esteve no Brasil, escreveu em diversos periódicos<sup>26</sup> e também foi responsável pelas edições de alguns outros que ganharam notabilidade<sup>27</sup>. Além disso, realizou conferências, organizou escolas e ainda teve tempo para escrever poesias.

---

<sup>25</sup> Levy, Carl. op. cit., p. 06.

<sup>26</sup> Como por exemplo: com a participação, em 1900, de alguns artigos no periódico *Palestra Social*, cuja direção pertencia ao anarquista Tobia Boni. A partir de 1904, contribuiu recorrentemente nas páginas do implacável jornal editado por seu grande companheiro de luta Oreste Ristori, o já referido *La Battaglia*. Quando o *La Battaglia* chegou a seus momentos finais (1912), passa a ser editado sob outro nome – *La Barricata*, o qual teve sobrevida até outubro de 1913. Bandoni também participou como redator em algumas edições. Em julho de 1913, faz presença no periódico organizado pelo anarquista Alessandro Cerchiai, *La Propaganda Libertaria*.

<sup>27</sup> Produto do círculo libertário *Germinal*, em fevereiro de 1902, Bandoni funda um periódico com o mesmo título. Em 1915, organizou o periódico *Guerra Sociale*, que ousaria fazer as vezes do *La Battaglia* de Ristori. Foi diretor-responsável até a edição de n. 16, quando Gigi Damiani assume a direção. Este jornal durou até o ano de 1917 e teve papel crucial na organização da greve geral de São Paulo em 1917. No ano de 1919, editou o jornal *Alba Rossa*, contribuindo até a edição de n. 11. O jornal teve breve duração, intercalada por sucessivas interrupções, encerrando as suas atividades definitivamente em 1934. Bandoni havia deixado o *Alba Rossa* em 1919 para dar prosseguimento ao seu antigo periódico – o *Germinal*!, que encerra no mesmo ano.



Além de grande articulista, Bandoni também tem sido reconhecido por suas ações no campo da educação libertária. A sua prática pedagógica, que vai se aperfeiçoando e se profissionalizando com o decorrer do tempo de estadia no Brasil, ganhou reconhecimento, inclusive, no interior da comunidade italiana a qual fez parte.

Após ter-se deslocado do interior paulista em direção ao centro urbano da capital paulistana, Bandoni passa a ser reconhecido pela alcunha: o *professor*, tamanho o seu vínculo com a arte do ensino. Essa experiência pedagógica foi sendo adquirida na prática cotidiana e na aplicação de um método específico baseado em suas leituras<sup>28</sup>.

Os últimos momentos da vida de Bandoni não são precisos. Os seus artigos vão pouco a pouco desaparecendo das páginas da imprensa anarquista remanescente. As suas pegadas somem, mas alguns de seus rastros ainda são encontrados até meados da década de 1940. Permanece morando no mesmo bairro (Bom Retiro) com a sua esposa até o ano de seu falecimento (1947). Ao que se sabe, não morreu como um mártir como tantos outros anarquistas. Provável que tenha deixado a vida pelo avançar da idade, o corpo cansado e vencido pela velhice, mas com a mente convicta de seu anarquismo.

Os anos 1940 no Brasil foram exigentes com os libertários. Encontravam-se espremidos; de um lado o trabalhismo varguista e a repressão do Estado Novo; do outro, o comunismo ganhava terreno entre a classe proletária. Diante desta realidade, certamente a sua trajetória e seus escritos à época não foram reconhecidos por seus pares e caíram no esquecimento dos frios dados estatísticos. Assim, acabou não sendo lembrado nem pelos anarquistas organizados que sobraram, nem pela atual escrita da história (ou historiografia) sobre o respectivo tema.

48

## O anarquismo sem adjetivo de Angelo Bandoni

Desde os primeiros anos em que Angelo Bandoni chegou ao Brasil tratou de firmar posição contrária quanto à organização dos trabalhadores anarquistas em sindicatos. Em seu jornal *Germinál*, por exemplo, no mês de outubro de 1902, parafraseou ironicamente o discurso feito pelos adeptos das organizações contra os patrões ao escrever que: “nós continuaremos a trabalhar para vocês, porque nascemos para trabalhar; mas apenas nas seguintes condições: queremos mais respeito! Mais salário! E menos trabalho”. Mas que, apesar de tais propostas, os locais de resistência dos anarquistas deveriam permanecer sendo as habituais localidades de propaganda, como as oficinas, os cafés e a reunião pública, portanto, não haveria necessidade da via sindical.

Os trabalhadores (...) se encontram em qualquer lugar: os lugares públicos, nas oficinas, nas associações operárias de qualquer tendência. É nestes lugares que nós devemos alcança-los, falar-lhes das injustiças quotidianas, das privações imerecidas, da atrevida e bárbara opulência dos patrões, visando promover e agravar a intolerância. Devemos voltar os olhos para as mistificações, pô-las em guarda contra as falsas promessas e antecipar-lhe – com lógica – a experiência dos meios termos. Agindo de tal forma, estamos

---

<sup>28</sup> Ver: Benevides, Bruno Corrêa de Sá e. A educação libertária como “nova tendência revolucionária”: as experiências pedagógicas de Angelo Bandoni, Revista Latino-Americana de História, vol. 7, n. 19, jan./jul., 2018.



seguros de não ter que dar golpes no voto e de conduzir uma contribuição válida à emancipação proletária<sup>29</sup>.

Para Bandoni, o problema das organizações, e principalmente as sindicais, seria a reunião das massas, entendidas como inconscientes, pertencentes aos “pobres de espírito que se deixam facilmente enganar-se pelo primeiro charlatão”, que, sendo possuidores de uma boa retórica, seriam capazes de desviar os trabalhadores conscientes do seu objetivo principal. Deste modo, a via organizativa deveria ser um meio e não um fim em si mesma<sup>30</sup>.

A partir de março de 1905, no jornal *La Battaglia*, Bandoni elaborou uma sequência de artigos sobre as organizações operárias. Nessa ocasião, argumentou ser legítima a intenção daqueles que pretendem resistir contra as imposições patronais por meio de tendências associativas, mas desde que tal proposição possibilite, por meio da solidariedade profissional, o desenvolvimento de “uma maneira que – de reivindicação em reivindicação – possa conduzir a bela e a completa emancipação da tríplice tormenta: econômica, política e moral” do proletariado. Contudo, da maneira como vinham sendo concebidas, nada mais seriam que a manifestação exuberante de um corporativismo com a “preponderância parlamentar do elemento reformista-democrático-social” e, “diga o que disserem, os socialistas e os anarquistas da organização operária, nunca poderão prescindir da fatalidade econômico-política de um domínio parasitário”<sup>31</sup>. Neste mesmo texto, aproveita para denominar-se antiorganizador<sup>32</sup>, fato que, certamente, contribuíra para que aumentasse ainda mais a sua proximidade com tal vertente, tanto entre os demais militantes quanto para a historiografia atual. No entanto, alguns fatos posteriores precisam ser invocados para rechaçarmos esta posição.

Em razão de tais críticas feitas aos defensores das organizações operárias, Angelo Bandoni se envolveu em uma grande polêmica com Giulio Sorelli, anarquista italiano defensor do sindicalismo revolucionário e residente no Brasil desde 1893<sup>33</sup>. Sorelli rebateu os

<sup>29</sup> “I lavoratori (...) si trovano ovunque: nei luoghi pubblici, nelle officine, nelle associazioni operaie di qualunque tendenza. E' in questi luoghi che noi dobbiamo raggiungerli, parlargli delle ingiustizie quotidiane, delle immeritate privazioni, della sfacciata e incivile opulenza dei padroni, onde promuovere ed acuire l'insofferenza. Dobbiamo schiudergli gli occhi alle mistificazioni, metterli in guardia contro le false promesse e anticipargli – colla logica – l'esperienza dei mezzi termini. Agendo in tal guisa, siamo sicuri di non dover dare colpi nel vuoto e di portare un contributo valido all'emancipazione proletária” (*Germinal*, n. 17, 18 de outubro de 1902, “Nuovo giornale”).

<sup>30</sup> “Organizem-se! Grita o povo triste; a união faz a força’. E organizem-se portanto; mas, misericórdia, organizados que faremos mais? A organização é um meio!... É preciso um fim para conseguir. Como utilizaremos este meio? Qual o fim que com isso poderemos alcançar?” (“Organizzateve! si grida al popolo gramo; l'unione fa la forza. E organizzateve dunque; ma, di grazia, organizzati che faremo mai? L'organizzazione è un mezzo!... ci vuole un fine da conseguire. Come impiegheremo questo mezzo? quale il fine che, con esso potremo raggiungere” *Germinal*, n. 20, 29 de novembro de 1902, p. 02, “Lo Stato presente della lotta di classe”).

<sup>31</sup> “Dato pure l'incremento più florido, più rigoglioso del corporativismo, checchè ne dicano i socialisti e gli anarchici dell'organizzazione operaia, non se potrà mai prescindere dalla fatalità econômico-política d'un dominio parassitario e di coercizione” (*La Battaglia*, n. 35, 19 de março de 1905, p. 01, “L'Organizzazione Operaia (II)”).

<sup>32</sup> “(...) Deixamos portanto aos paladinos do reformismo o recrutamento da milícia corporativista; nós antimilitarista, **antiorganizadores** – chamamos os desertores do nosso caminho. O anárquico – na propaganda – **não deve buscar harmonização fictícia de entendimento**, não deve ser imóvel a mania de fazer número: o oportunismo – em tática – é uma miragem que conduz ao desastre” (“La siamo dunque ai paladini del reformismo il recrutamento della milizia corporativista; noi – antimilitaristi, antiorganizzatore – chiamiamo i disertori sulla mostra via” *La Battaglia*, n. 35, 19 de março de 1905, p. 01, “L'Organizzazione Operaia (II)”).

<sup>33</sup> Toledo, Edilene. *Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.



argumentos de Bandoni ressaltando algumas contradições em seus discursos. Na primeira, questionou como seria possível invocar a solidariedade entre o proletariado e, ao mesmo tempo, desprezar o esforço empreendido pelos trabalhadores espalhados pelo mundo na tentativa de criar associações operárias, fato que, para o sindicalista, seria a maior prova “dos laços solidários”<sup>34</sup>.

Já a segunda contradição apontada por Sorelli, e que possui grande relevância para esta pesquisa, ocorre quando, ironicamente, comentou que até mesmo o “antiorganizador Bandoni”, em uma carta enviada ao jornal *Avanti!*, defendia a conformação dos professores de São Paulo em uma organização específica visando melhorias salariais desta categoria:

(...)

Uma prova: Bandoni, o nosso contraditor, é antiorganizador convicto. No entanto, quando os próprios interesses entram em baila, e quando o melhoramento econômico da classe a qual pertence é prejudicado é fato sentir como uma necessidade; ora Bandoni se esquece de ser antiorganizador [...] e das suas opiniões abstratas, e escreve uma carta ao *Avanti!* patrocinando a ideia de uma organização entre os professores.

(...)<sup>35</sup>

Em respostas às provocações de Sorelli, Bandoni rebatera que, apesar de sua posição, ele não poderia “censurar o anarquista, o qual entra em uma liga profissional” visando à defesa de seus direitos. Entretanto, o que para ele seria intolerável é a possibilidade de um militante se inserir na via sindical, e a partir daí deixar de lado o desejo pela revolução e contentar-se apenas com os ganhos imediatos:

(...) O que eu não poderei tolerar é quando qualquer anarquista entra, infiltra-se em uma liga operária e tendo tomado o gosto, se mete a fazer propaganda institucional e ousasse, além disso, beber a todo custo conscientes e inconscientes dos benefícios alcançáveis com resistência, com a luta corporativista são tais que nos faz esquecer a propaganda revolucionária. Como não poderei tolerar que os quatros companheiros (...) viessem para magnificar a praticidade da corporação, no regime capitalista.<sup>36</sup>

Assim, sem uma explicação plausível e de forma um tanto contraditória, Bandoni argumentava que ninguém podia “impedir o mestre republicano de fazer propaganda republicana, o socialista de fazer do socialismo”, como, de igual modo, não seria possível “impedir o anarquista antiorganizacionista de combater todas aquelas associações

<sup>34</sup> *La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01.

<sup>35</sup> “Una prova: Bandoni il nostro contraddittore, è antiorganizzatore convinto. Eppure quando gli interessi propri sono entrati in ballo, quando il miglioramento economico della classe alla quale appartiene si è fatto sentire come una necessità; ebbene, allora Bandoni si dimentica di essere antiorganizzatore [...] le sue vedute astratte e scrive una lettera sull’*Avanti!* patrocinando l’idea di una organizzazione fra gli insegnanti” (*La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01, “Ancora sulle organizzazione”).

<sup>36</sup> “Ciò ch’io non potrei tollerare si è che quell’anarchico entrato, infiltratosi in una lega operaia ed avendovi preso gusto, si mettesse fare propaganda istituzionale e osasse por di piu far bere ad ogni costo a *coscienti* ed incoscienti che i benefici conseguibili colla resistenza, colla lotta corporativista siano tale da farci trasenrare la propaganda apertamente rivoluzionaria. Come non potrei tollerare che i quattro compagni fornai (...) venissero a magnificare la praticità della cooperazione, in regime capitalista” (*La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01, “Prima che si prenda una cantonata”).



profissionais que pretendem ser suficientes para combater a luta de classes”<sup>37</sup>. Contudo, a despeito do seu argumento, a questão de fundo, para o seu contraditor, era a sua crítica feita às organizações no plano teórico, e, paradoxalmente, na prática, defender, quando de seu interesse, o seu uso em busca do melhoramento econômico da categoria a qual fazia parte.

Diante desse nítido contrassenso, o editor do jornal *La Battaglia*, Oreste Ristori, sai em defesa de Bandoni e argumentou que a pretensão de seu companheiro foi esclarecer que, se as organizações possuísem como objetivo unicamente a propaganda revolucionária, em tais casos, as associações seriam válidas, mas, não sendo esta a hipótese, a sua existência não haveria utilidade:

E acima de tudo, uma explicação de grande utilidade: somos nós organizadores? Sim e não. Sim, se a organização deve servir como meio para difundir mais largamente e em modo mais brusco uma educação revolucionária nas massas; não, se a organização deve exaurir as forças do proletariado em um movimento tendente a conseguir dos melhoramentos impossíveis no regime capitalista. Em termos mais explícitos, não acreditamos em uma certa utilidade as organizações operárias que para a propaganda doutrinária que podem por dentro. O resto, é tudo ruído, clamor, clamor inútil, tempo pessimamente gasto, trabalho de demolição e regresso.<sup>38</sup>

51

Outro ponto tratado por Bandoni ainda no âmbito das organizações profissionais foi a questão da greve em busca do melhoramento econômico de uma determinada categoria. No periódico *L’Azione Anarchica*, publicado em novembro de 1905, defendeu que a greve precisava ser entendida como o “sinal precursor da revolução”, não devendo ser tratada apenas como um artifício para que o operariado obtivesse ganhos no tocante à relação trabalhista, da forma como pretendia o corporativismo sindical. Ademais, de acordo com o seu entendimento, a conquista de melhorias impediria que os trabalhadores, “constrangidos pela fome”, ocupassem as praças, pois “quanto maior será o número destes condenados, tanto maior a probabilidade de ver estourar” o processo revolucionário, e que para este fim a associação operária seria fundamental. Por esta razão, concluiu não ser ilegítima a greve por ganhos imediatos, mas desde que não inibisse a referida Revolução Social

(...) Depois que o trabalhador começou a conhecer os seus direitos naturais ele mesmo se uniu com os outros seus companheiros e nas associações juntamente estabeleceram as bases de suas lutas, e de luta em luta conquistam aqueles pequenos melhoramentos possíveis no círculo de ferro

<sup>37</sup> “Tutto ciò non può impedire al maestro repubblicano di fare propaganda repubblicana, al socialista di fare del socialismo, come non potrebbe impedire all’anarchico antiorgizzatore di combattere tutte quelle associazione professionale *che pretendono essere (...) per combattere la battaglia di classe*” (*La Battaglia*, n. 36, 26 de março de 1905, p. 01, “Prima che si prenda una cantonata”).

<sup>38</sup> “Ed anzitutto, una spiegazione di somma utilità: *siamo noi organizzatori?* Sì e no. Sì, se l’organizzazione deve servire come mezzo per diffondere più largamente ed in modo più spiccio un’educazione rivoluzionaria nelle masse; no se l’organizzazione deve esaurire le forze del proletariato in un movimento tendente a conseguire dei miglioramenti *impossibili* in regime capitalista. In termini più espliciti, non reteriamo di una certa utilità le organizzazioni operaie che per la propaganda dottrinnaria che vi si può far dentro. Il resto, è tutto chiasso, clamore inutile tempo pessimamente spreco, opera di demolizione e di regresso” (*La Battaglia*, n. 37, 02 de abril de 1905, p. 01, “Gli anarchici e il Corporativismo”).



do organismo capitalístico, sem perder de vista o objetivo precípua da Revolução Social (...)”<sup>39</sup>.

Na edição de fevereiro de 1912 do periódico *La Battaglia*, Angelo Bandoni, em um artigo intitulado “Descendo à praça”, ressaltou dois movimentos populares urbanos que emergiram nesta ocasião<sup>40</sup>. O primeiro foi o reavivamento da Liga dos Inquilinos de 1907 que pretendia a união dos inquilinos contra o encarecimento dos aluguéis, já o segundo ansiava pela criação de um Comitê de agitação conta a alta do custo de vida. A elevação dos aluguéis decorria, segundo Bandoni, da omissão do governo no controle dos “impostos”, isto é, das locações. Deste modo, seria preciso sensibilizar o poder para que pusesse fim a este arbítrio dos proprietários. Para ele, dever-se-ia exercer uma ação ostensiva, nos domínios urbanos, apropriar-se da cidade a fim de expor ao poder público as reivindicações dos operários-inquilinos “tomando a praça”, o que, simbolicamente, significaria extrapolar as fronteiras das ruas operárias, adentrando áreas de uso socialmente diferenciado, como são as referidas praças<sup>41</sup>.

Ainda de acordo com Bandoni, já existiria em São Paulo um grande movimento organizado, com subcomitês em vários bairros, que lutava contra os altos aluguéis. Esses subcomitês funcionavam no Bom Retiro, Barra Funda, Água Branca, Lapa, Brás, Mooca, Belenzinho, mas decaíram por “falta de agitadores, não de bons propósitos”<sup>42</sup>.

A linha de ação proposta por Bandoni, no episódio em apreço, é de grande relevância na medida em que, mais uma vez, contradiz a sua “tendência” antiorganizativa, uma vez que ele sugeria que um comitê de agitação se formasse, a fim “de mobilizar um Exército Locatário”, cuja função seria diminuir os poderes dos proprietários. Para compor este exército, seriam convidados representantes de “todas as associações populares” e se constituiria um comitê central composto de “outras pessoas”, excluindo-se aquelas que “sempre dominam tudo”, numa clara menção a predominância de italianos nos movimentos políticos. A atuação se faria através de conferências, formação de subcomitês, convites “nos muros” e artigos em jornais.

52

<sup>39</sup> “Dopo che il lavoratore ha cominciato a conoscere i suoi diritti naturali e se stesso si unisce con gli altri suoi compagni e nell’associazione insieme stabiliscono le basi della loro lotta, e di scaramuccia in scaramuccia conquistano quei piccoli miglioramenti possibili nella cerchia di ferro dell’organismo capitalístico, senza perdere di vista lo scopo precípua della rivoluzione sociale (...)” (*L’Azione Anarchica*, 19 de novembro de 1905, “Il corporativismo e la rivoluzione”).

<sup>40</sup> Sobre o contexto ver: “A conjuntura que cerca o processo de acumulação industrial repleta de crises que mudam o panorama da produção e do consumo, do trabalho e do salário, muito rapidamente, por vezes no espaço de um ano. Nesse sentido, 1912 marca a grande retomada do crescimento industrial, em que alguns setores industriais têm uma alta demanda de trabalhadores qualificados, pagam salários melhores do que a média, enquanto em outros há desemprego. Houve uma elevação salarial do quarto trimestre de 1911 ao primeiro trimestre de 1912, alcançando até junho. Neste mês inicia-se um rápido declínio salarial e os preços dos gêneros alimentícios se elevam, atingindo o preço máximo do ano em dezembro de 1912” (BLAY, 1985).

<sup>41</sup> *La Battaglia*, n. 341, 10 de fevereiro de 1912, “Scendiamo in piazza!”.

<sup>42</sup> Propõe o articulista que o movimento recomesse, pois, só em São Paulo, “são 50 mil famílias” que tem o mesmo problema do aluguel alto para casas insalubres e sem conforto. Três meses após o movimento de fato se alastrou e conseguiu adesão de várias associações (“Noi sappiamo, tuttavia, che – se il movimento iniziato in S. Paulo, di un comitato abbastanza numeroso – non fosse stato abbandonato subito, in mano di tre o quattro soltanto, um risultato soddisfacente si sarebbe ottenuto. Ricordiamo che si erano già costituiti dei sottocomitati al Bom Retiro, a Barra Funda, a Agua Branca, alla Lapa, al Braz, alla Mooca, al Belemzinho ecc. Sono mancati gli agitatori, non i buoni propositi. (...) Solo in S. Paulo sono circa cinquantamila famiglie immerse che non protestano, che non si ribellano (...)”, *La Battaglia*, n. 341, 10 de fevereiro de 1912, “Scendiamo in piazza!”).



Pensava Bandoni que seriam assim arregimentados cerca de “50 mil combatentes que seguirão resolutos para o campo de batalha: a praça”<sup>43</sup>.

Assim, por esta e outras tendências organizativas, frisa-se, um tanto contraditórias, vale registrar que Angelo Bandoni foi apenas um profundo crítico das organizações mais verticalizadas (como partidos e sindicatos), já que em algumas ocasiões ressaltou positivamente o papel dos agrupamentos formados por trabalhadores, mas desde que não centralizados, e que não os desviassem do foco principal que seria a ação revolucionária. No tocante a esta contradição, como defendeu Pierre Bourdieu, a trajetória biográfica de qualquer indivíduo é repleta de variações, onde o mesmo ser é capaz de transitar por diferentes campos e por distintas zonas no interior do mesmo campo<sup>44</sup>.

Deste modo, portanto, acreditamos que o antissindicalismo de Angelo Bandoni possui outra explicação histórica. Queremos com isso dizer que a sua aversão aos sindicatos é mais um reflexo da desconfiança gerada pela experiência sindical italiana, que do fim do *oitocentos* até a primeira década do século XX, foi lugar hegemônico pelo socialismo (tanto o de ênfase mais reformista, quanto o de matriz revolucionária). Como bem salientou Maurizio Antonioli, a corrente sindicalista revolucionária italiana, que tendeu a adotar o termo em uso na França, fez “parte da esquerda revolucionária do partido socialista, e que ela reivindicará sempre a sua origem socialista e a inspiração marxista de suas próprias ideias”<sup>45</sup>. Ainda segundo o autor, o movimento sindicalista (revolucionário ou reformista) iniciou a “sua atividade no interior do P.S.I.<sup>46</sup> (Partido Socialista Italiano, criado em 1892)”<sup>47</sup>.

Essa conjuntura inicial do sindicalismo italiano possibilita, de certo modo, explicar o descrédito de Bandoni (assim como outros anarquistas de origem italiana em São Paulo) em relação às associações profissionais. Durante o seu contato preliminar com os ideais libertários nas regiões italianas da Toscana e da Ligúria, quando era ainda jovem (1888-1900), os sindicatos estavam sendo ocupados ideologicamente pelo socialismo. Esta percepção, sem dúvida, irá influenciar, mais tarde, já no Brasil, suas posições em relação às organizações operárias.

Esta zona de influência, em seus textos, ficou bastante evidente a partir de um longo debate travado com o anarquista de origem espanhola, Florentino de Carvalho, nas páginas do periódico *Guerra Sociale*, acerca da organização dos trabalhadores anarquistas em sindicatos. Na ocasião, Bandoni ressaltaria que o sindicalismo, mesmo aquele de caráter revolucionário, não trazia em seu conteúdo nada que possibilitasse, de fato, a revolução social, pois, para ele “é inútil, falsas ilusões”, porque ao conciliar com os “patrões, os usurpadores, os parasitas”, os sindicalistas revolucionários propõem uma revolução que “não virá a transformar a propriedade de privada, em comum; nós, pobres renegados, teremos sempre o pior. O anárquico sindicalista não pode fazer mais”<sup>48</sup>.

<sup>43</sup> *La Battaglia*, n. 341, 10 de fevereiro de 1912, “Descendo à praça”.

<sup>44</sup> Conferir: Bourdieu, Pierre. *A ilusão biográfica*, Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaina (org.). *Usos & abusos da história oral*, 8.ed., Rio de Janeiro, FGV, 2006.

<sup>45</sup> Antonioli, Maurizio. *A U.S.I. O Sindicalismo Revolucionário Italiano*, Colombo, E. e Colson, D. et al. (orgs), *História do movimento operário revolucionário*, São Paulo, Imaginário, São Caetano do Sul, IMES, 2004, p. 193.

<sup>46</sup> Somente a partir de novembro de 1912, com o nascimento da União Sindical Italiana (U.S.I.), cuja adesão atingiu cerca de um milhão de trabalhadores de distintas categorias, presenciou-se uma maior participação dos anarquistas no âmbito sindical (Ibid., p. 198-199).

<sup>47</sup> Ibid., p. 193-194.

<sup>48</sup> “È inutile farsi illusioni; fino a tanto che vi saranno dei padroni, degli usurpatori, dei parassiti, fino a tanto che una rivoluzione tremenda non verrà a trasformare la proprietà, di privata, in comune, noi, poveri diseredati,



Em resposta, Florentino de Carvalho afirmaria que Bandoni estaria sendo injusto ao julgar as organizações operárias observando “apenas o seu lado crítico”, “principalmente nos países onde ela tomou um caráter mais conservador” ao serem ocupadas pelos socialistas<sup>49</sup>. Em outro artigo, ainda sobre esta mesma polêmica<sup>50</sup>, o anarquista espanhol<sup>51</sup> defendeu que, ao contrário da afirmativa de Bandoni, as ações dos militantes ácratas nas associações não eram inúteis, não se limitando apenas à tarefa de representá-las nos congressos, e que a dura repressão sofrida pelos libertários demonstrava a tonalidade revolucionária que possuíam<sup>52</sup>.

Apesar das críticas contundentes às organizações, os julgamentos proferidos por Angelo Bandoni se orientaram mais especificamente em relação às associações de trabalhadores (sindicatos), pois, na prática, como já ressaltamos, por diversas vezes o encontramos envolvido na formação de círculos, de escolas libertárias e até mesmo realizando solicitação burocrática perante a Administração Pública para a concessão de licença de funcionamento de um “sindicato”. Em consulta a edição do dia 18 de junho de 1912 do jornal *Correio Paulistano*, tivemos o conhecimento do seguinte despacho proferido pelo Secretário do Interior do Estado de São Paulo em razão desta solicitação:

Atos Oficiais

- Ofícios despachados:

Do professor Angelo Bandoni, de Cândido Rodrigues, comunicando ter constituído um sindicato para colaboração, defesa e fiscalização dos colonos da zona<sup>53</sup>.

54

Em que pese esse aparente paradoxo, Bandoni, durante o ano de 1912, passou a residir, com a sua família, no município paulista de Cândido Rodrigues. Foi nessa ocasião que organizou a sua terceira experiência de escola libertária (Escola Moderna de Cândido Rodrigues). Por essa razão, acreditamos que esta solicitação para a constituição de um sindicato seja, na verdade, um pedido de autorização para o funcionamento desta unidade escolar, e não a formação de uma associação profissional. É que a legislação específica vigente à época considerava ser sindicato qualquer grupamento destinado ao estudo, custeio e a defesa dos interesses dos trabalhadores rurais<sup>54</sup>.

---

avremo sempre peggio. L’anarchico sindacalista non puó far di piú” (*Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915, p. 04, “L’anarchico sindacalista”).

<sup>49</sup> *Guerra Sociale*, n. 08, 27 de novembro de 1915, p. 04, “Atitude dos Anarquistas ante o movimento operário. Palestrando com os amigos redatores da Guerra Sociale”.

<sup>50</sup> Que segue na edição seguinte, ver: *Guerra Sociale*, n. 12, ano II, 08 de janeiro de 1916, p. 03, “Pro e Contro il Sindacalismo”.

<sup>51</sup> Cabe ressaltar a posição de Florentino de Carvalho ao contra-argumentar Bandoni. Ele auto se denomina anarquista sem adjetivo, e que o seu apoio as organizações não pode resultar em um rótulo: “Já, no precedente artigo, declarei que sou anarquista... sem adjetivos. O simples fato de adoptar incidentalmente a organização operária como um meio fator de emancipação da Humanidade, me obriga, de modo algum a arvorecer o rótulo de sindicalista, que fica bem unicamente aos indivíduos cujas aspirações não vão além da luta de classes, do melhoramento econômico, ou de uma organização social futura sob as bases puramente sindicalistas” (*Guerra Sociale*, n. 10, 11 de dezembro de 1915, p. 03, “Pro e contro il Sindacalismo”).

<sup>52</sup> *Guerra Sociale*, n. 10, 11 de dezembro de 1915, p. 03, “Pro e contro il Sindacalismo”.

<sup>53</sup> *Correio Paulistano*, 18 de junho de 1912, p. 05, “Atos Oficiais”.

<sup>54</sup> Ver art. 1º do Decreto n. 979, de 6 de janeiro de 1903: “é facultado aos profissionais da agricultura e industrias ruraes de qualquer genero organizarem entre si sindicatos para o estudo, custeio e defesa dos seus interesses” (sic).



De todo modo, tal fato serve para mitigar essa percepção antiorganizacionista cunhada em torno de Angelo Bandoni e que ele próprio ajudou a forjar, mesmo que com contradições à parte. Por outro lado, ainda a respeito de sua tendência antissindicalista, cabe pontuar que a posição de Bandoni dentro do movimento libertário implica realizar uma distinção entre aqueles contrários aos sindicatos, mas que não eram adeptos integralmente do individualismo italiano (esses últimos seguidores, por exemplo, de Luigi Galleani, e que serão denominados insurrecionalistas).

Essa integral proximidade com as ideias galleanistas não se comprova na prática. Durante duas décadas como articulista, jamais chegou a mencionar em seus textos qualquer indício dessa influência. Além disso, durante o período em que Bandoni ainda residia na Itália (1886-1900), Luigi Galleani migrava do republicanismo para o socialismo (1881-1885), quando passou, inclusive, a fazer parte do *Partito Operario Italiano*, partido este que viria se transformar no então PSI, em 1892<sup>55</sup>. Portanto, Galleani não tinha se convertido em um anarquista. Sua proximidade com a percepção libertária apenas aconteceria em 1892<sup>56</sup>, e a defesa de sua proposta antiorganizacionista<sup>57</sup> e insurrecionária teria se vislumbrado, principalmente, nos Estados Unidos onde residiu entre 1901 e 1919<sup>58</sup>. Porém, o que merece ser frisado é que neste momento Angelo Bandoni já havia iniciado a produção de seus textos (1900), e de forma incipiente já vinha firmando posição contrária às organizações.

O que é possível verificar de fato, pela análise das fontes, foi um forte traço de proximidade com o comunismo anárquico de Errico Malatesta, na medida em que prosseguiu como um grande defensor da solidariedade anárquica, defendendo que o anarquismo do ponto de vista econômico deveria seguir as bases do comunismo (ou seja, uma tendência mais comunitária), e, no plano político, necessitaria trilhar pelos ideais libertários. Ademais, chegou a fazer clara crítica aos individualistas. Vejamos em detalhe o seu pensamento:

[...] Onde não existem leis coercitivas, os homens querem ser iguais no direito de consumir; onde existem leis, a anarquia é absolutamente impossível.

Não são anarquistas - para nós - todos aqueles individualistas em seu sentido estrito, ou mais claramente os *amorfos*.

A Anarquia é, para nós, um organismo, uma forma, da qual a única forma coesiva será a solidariedade.

(...)

<sup>55</sup> Senta, Antonio. Luigi Galleani e l'anarchismo antiorganizzatore. Itália, Edizioni Bruno Alpini, 2012, p. 18-19.

<sup>56</sup> De acordo com Antonio Senta, “in August 1892 he attended the Congress of the Partito operaio italiano in Genova with Pietro Gori, both representing the anarchists. It was an important event because it marked officially the division between anarchists and legalitarian socialists and Galleani played a major role in it pushing for the split” (Ibid., p. 21).

<sup>57</sup> Mesmo assim, não rechaçamos totalmente a ideia de que Luigi Galleani tenha influenciado os anarquistas italianos em São Paulo, e especialmente Bandoni. Porém, tal afirmação é especulativa, na medida em que praticamente não fez referência sobre Galleani. Portanto, apenas é possível fazer aproximações ligeiramente teóricas, como esta: “Galleani was among those anarchists who concluded that any artificial or formal organization is unnatural and therefore authoritarian, because the association is the nature's rule. (...) Besides, he drew from Kropotkin that history was a perpetual struggle between freedom and authority, going towards the complete success of freedom, only attainable through a massive social revolution capable of dispossessing the bourgeoisie's wealth and destroying the State in order to establish a free communist regime” (Ibid., p. 23). Podemos perceber um pouco dessa tendência nos textos de Bandoni, mesmo assim de forma aproximativa.

<sup>58</sup> Ibid., p. 17.



ANÁRQUICO é sinônimo de SOLIDÁRIO. Com SOLIDARIEDADE se vence; com SOLIDARIEDADE se pode viver anarquicamente.

(...) nós entendemos por anarquista de pensamento tanto aquele que não evita o uso da violência, quando com a violência se pode frear a injustiça sistemática ou afetar a resolução do problema social, quanto que, em economia, se afirmam comunistas, e, na política, Libertários.<sup>59</sup>

Esta proximidade com as ideias malatestinianas de Angelo Bandoni não seria uma excepcionalidade. Como bem salientou Edilene Toledo, no Brasil diversos anarquistas iriam defender a ideia de que a forma organizativa da sociedade após o processo revolucionário seria, “no plano teórico, na forma do anarco-comunismo, cujos maiores representantes foram Kropotkin e Malatesta”<sup>60</sup>.

No tocante ao papel da solidariedade como única possibilidade para a existência do anarquismo, como evidenciado no texto de Bandoni, esta mesma compreensão pode ser encontrada nas palavras de Malatesta ao mencionar que “somente a mais completa aplicação do princípio da solidariedade pode destruir a luta, a opressão e a exploração, e a solidariedade só pode nascer do livre acordo, da harmonização espontânea e desejada dos interessados”<sup>61</sup>.

Para a perspectiva do comunismo anárquico, a primeira obrigação, quando a revolução viesse à tona e rompesse o sistema vigente, seria realizar imediatamente o comunismo libertário, que corresponderia a um comunismo sem governo, pertencente aos homens livres<sup>62</sup>. E, diferentemente do coletivismo, onde a remuneração seria proporcional às horas de trabalho dedicadas por cada pessoa à produção das riquezas, na perspectiva anarco-comunista “todos os produtos do trabalho – comida, roupas, moradia, e tudo mais o que for útil – estarão sob posse comum da sociedade. Todos poderão usá-los livremente, e todos usufruirão de toda a riqueza de maneira comum”. No comunismo, cada um trabalharia na medida de suas possibilidades e consumiria na medida de suas necessidades – um sistema que exigiria um aprofundamento ético sem precedentes e a garantia de que se cooperaria em tal sentido<sup>63</sup>.

Na edição de abril de 1905 do jornal *La Battaglia*, Bandoni publicou um artigo em forma de diálogo entre duas personagens fictícias, Vittorio e Beppino. Essa estratégia de escrita, na verdade um artifício lúdico, que muito se aproxima de alguns escritos do próprio Malatesta (como nos textos *Entre Camponeses* e *No Café*), pretendia não subordinar o leitor

<sup>59</sup> “Dove non vi sono leggi coercitive, gli uomini vogliono essere eguali nel diritto di consumare; dove vi sono delle legge, l’anarchia è assolutamente impossibile. Non sono anarchici – per noi – tutti gli individualisti nello scopo, o più chiaramente: *gli* amorfisti. L’Anarchia è per noi, un organismo, uma forma, di cui unica forza coercitiva sarà la solidarietà. (...) ANARCHICO è sinonimo SOLIDARISTA. Colla SOLIDARIETÀ si vince; colla SOLIDARIETÀ si può vivere anarchicamente. Concludiamo dicendo: si chiamino pure cogli appellativi più veaghi di *Amorfisti, Naturisti, Nichilisti*, ecc., noi riteniamo per anarchici di pensiero [...] coloro che non rifuggono dalla violenza, quando colla violenza si può frenare l’ingiustizia sistematica o affrettare la risoluzione del problema sociale, coloro che, in economia, si affermano comunisti e, in politica, Libertari” (La *Battaglia*, n. 11, 4 de Setembro de 1904, p. 02 e 03, “Distinguiamo”).

<sup>60</sup> Toledo, Edilene. op. cit., p. 47.

<sup>61</sup> Malatesta, Errico. Um pouco de teoria, Escritos Revolucionários, São Paulo, Novos Tempos, 1989, p. 12-13.

<sup>62</sup> Kropotkin, Piotr. A Conquista do Pão, Lisboa, Guimarães editores, 1975, p. 46 e 51.

<sup>63</sup> Marini, Gualtiero. Revolução, anarquia e comunismo: às origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876), 378 f., Dissertação (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p. 315-316.



aos seus argumentos, mas, acima de tudo, imprimia uma conversa franca, contendo algumas peculiaridades familiares, e sendo de fácil compreensão<sup>64</sup>.

O diálogo em apreço envolve a participação de um interlocutor a favor do individualismo e de outro que se posiciona em defesa do comunismo anárquico. Para o defensor do individualismo, o comunismo teria o importante papel de assegurar a distribuição e o uso dos meios produtivos e de seus produtos a toda coletividade, o que seria privilégio de poucos. Entretanto, neste sistema econômico, a liberdade individual nunca poderia ser completa, uma vez que o indivíduo deverá cumprir obrigações que lhe seriam impostas em razão do coletivo, em detrimento da maioria:

(...) Porquanto não haverá leis coercitivas, tu, no comunismo deverá trabalhar metodicamente e, para cima e para baixo, quanto aos outros para ser censurado (criticado). Deverá vestir como os outros, fazer a barba, pentear-se como os outros, comer igualmente, habitar uma casa feita no estilo em voga, etc, etc. Enfim, terás de comportar-te em conformidade com o comportamento geral. Eu, nesse cumprimento a exigência do desenvolvimento coletivo, do costume, do capricho dos outros, não posso me acomodar a chama-lo de liberdade.<sup>65</sup>

Em contrapartida, para o interlocutor adepto do comunismo, o maior problema do individualismo seria a exclusão da solidariedade, a base para “vencer a resistência exorbitante de qualquer esforço individual”. Além disso, após a revolução social ocorreria um estado de *amorfia individualística* que, ao generalizar-se, afetaria todos os serviços e empregos dos trabalhadores coletivos (como o meio de comunicação e transporte), colocando a sociedade em “extremo perigo”. Outrossim, “o homem traz em si uma prepotente necessidade de descobrir, de conhecer”, necessidade esta que não “harmoniza em nada com o ideal de exemplificação individualista”. Ao final de seus argumentos, afirmava que apesar de certos defeitos, como a ligeira restrição da liberdade, o comunismo anárquico garantiria uma vida baseada na ajuda mútua. E assim terminou o diálogo. Bandoni permitiu deste modo, que o leitor pudesse compreender que essa segunda posição, a comunitária, seria a forma mais viável de organização anarquista<sup>66</sup>.

Esses são, portanto, alguns indícios que demonstram que a influência teórica do anarquismo propalado por Angelo Bandoni tem amparo no anarco-comunismo malatestiniano, e não no individualismo (ou insurrecionalismo) difundido por Luigi Gallenai. Por conta disso, este fato contribui para rechaçar a tese que afasta a percepção libertária dos militantes italianos de São Paulo como um caso historicamente desvinculado em relação à AIT.

<sup>64</sup> Ver: Samis, Alexandre. Introdução, MALATESTA, Errico. Entre Camponeses, São Paulo, Hedra, 2009, p. 31.

<sup>65</sup> “Per quanto non vi saranno leggi coercitive, tu, in *comunismo* dovrai lavorare metodicamente e, su per giù, quanto gli altri, per non essere biasimato. Dovrai vestire come gli altri, raderti la barba perttinati come gli altri, cibarti all’uso comune, abitare una casa fatta sullo stile in voga, ecc, ecc. Infine, dovrai comportarti in conformità dell comportamento generale. Io questo conformarsi alle esigenze di sviluppo collettivo, al costume, ai capricci degli altri, non posso adattarmi a chiamarlo libertà” (*La Battaglia*, n. 87, 02 de abril de 1905, p. 03, “Polemizzando?!”).

<sup>66</sup> “L’uomo porta in se un prepotente bisogno di scuoprare, di conoscere, bisogno che non armonizza per nulla coll’ideale di semplificazione individualista. L’uomo puó e deve cercare di vivere più largamente, più intensamente la vita, deve profittare di tutti i mezzi di sviluppo, d’integrazione che gli porgono la natura e la Società” (*La Battaglia*, n. 87, 02 de abril de 1905, p. 03, “Polemizzando?!”).



Isso em razão do papel que Errico Malatesta<sup>67</sup> possuiu ao conduzir a seção italiana da Internacional dos Trabalhadores, entre 1871 a 1876, de uma posição “simplesmente abstencionista e federalista, a adotar os ideais básicos do anarquismo bakuniniano” e, em seguida, a ultrapassá-los através da elaboração do princípio “anarco-comunista”<sup>68</sup> e de uma excepcional concepção revolucionária, a “propaganda pelo fato”<sup>69</sup>.

Em outras palavras, a morte de Bakunin (1876) não significou um ponto final ao crescente movimento federalista libertário e operário na Itália; muito menos simbolizou a sua estagnação. Tanto foi assim, que em outubro de 1876, foi celebrado em Tosi, localidade próxima de Florença, um congresso (Congresso de Florença-Tosi) no qual se estabeleceram as bases das teses do comunismo anarquista como alternativa ao coletivismo de Bakunin<sup>70</sup>. Esta proposta consignada na década de setenta não era ainda uma elaboração definitiva, pois não havia sido “adotada diretamente a fórmula do ‘comunismo anarquista’”, apesar de terem sido expostos os pressupostos teóricos de uma ideia que seria desenvolvida ao longo de 1880-1890 por Cafiero<sup>71</sup>, Malatesta, Kropotkin e Reclus<sup>72</sup>.

A solidificação definitiva de Errico Malatesta em relação ao anarco-comunismo iria acontecer no ano de 1881, em Londres, quando os remanescentes da primeira AIT se reuniram, sob o nome de Congresso Internacional Socialista Revolucionário, e realizaram o primeiro congresso anarquista. Na ocasião, o anarquista, representante de diversos grupos italianos, propôs ainda a reestruturação da Internacional dos Trabalhadores a partir de uma orientação revolucionária de luta contra os governos, para o qual seria necessária uma estrutura dupla: por um lado um órgão destinado a difundir a propaganda entre as massas e impulsioná-las à revolta, e por outros grupos de ação, organizados e federados em sigilo para a ação violenta (que receberia o nome de “propaganda pelo fato”, tese que já vinha sendo defendida desde o Congresso de Berna em 1876)<sup>73</sup>. Ademais, foi ainda nesta década (1880) que Malatesta, e outros nomes importantes do anarquismo desse momento (Andrea Costa antes de se tornar socialista e Francesco Saverio Merlino), vão perceber a necessidade de uma “organização dos grupos socialistas anárquicos voltados para o movimento social”, muito embora o antiorganizacionismo ainda seria predominante na Itália até 1900<sup>74</sup>.

<sup>67</sup> Assim como, Carlo Cafiero (1846-1892) e Andrea Costa (1851-1910).

<sup>68</sup> Ainda segundo o autor: “paradoxalmente, portanto, a nova interpretação do anarquismo bakuniniano elaborada pelos internacionalistas suíços e italianos, que superava o coletivismo do russo mantendo inalterada a perspectiva materialista subjacente, embora não pudesse eliminar as divergências básicas entre o pensamento marxiano e o bakuniniano, aproximava essas duas correntes de ideias, mostrando assim sua matiz comum. A originalidade e, ao mesmo tempo, o paradoxo da elaboração “anarco-comunista” são inegáveis: aquelas mesmas pessoas que, nos primeiros anos de vida da Internacional, haviam combatido e renegado a tendência marxista, agora, depois de poucos meses da morte de Bakunin, abandonavam parcialmente sua perspectiva coletivista para aderir a uma teoria comunista elaborada pelo próprio Marx” (Marini, Gualtierio. op. cit., p. 299).

<sup>69</sup> Ibid.

<sup>70</sup> Ibid., p. 313.

<sup>71</sup> Já Andrea Costa, gradualmente, foi aderindo a uma perspectiva mais parlamentarista e legalista.

<sup>72</sup> Marini, Gualtierio. op. cit., p. 314 e Nettlau, Max. História da anarquia: das origens ao anarco-comunismo, São Paulo, Hedra, 2008, p. 188.

<sup>73</sup> Avilés, Juan. Un punto de inflexión en la historia del anarquismo: El congreso revolucionario de Londres de 1881, Cuadernos de Historia Contemporánea, v. 34, p. 159-180, 2012, p. 171.

<sup>74</sup> Romani, Carlo. Oreste Ristori: uma aventura anarquista, São Paulo, Annablume, 2002.

\_\_\_\_\_. História e historiografia do anarquismo italiano: das origens até 1907, Rede-A, [S.l.], v.3, n. 2, p. 3-23, jul/dez, 2013, p. 19.



Por tudo que foi exposto até aqui, um exame mais apurado da sua produção tipográfica e a consulta de documentação até então inexplorada sobre o Bandoni revelam que é arriscado (e talvez um equívoco) catalogar este militante de maneira rígida em qualquer tipo de vertente anárquica. Desta forma, a sua melhor definição, talvez, seja a de um “anarquista sem adjetivos”, como na proposição defendida pelos anarquistas Fernando Tarrida e Ricardo Mela<sup>75</sup>, os pioneiros a utilizarem essa expressão e a mencionar a importância de uma “síntese”<sup>76</sup> entre as correntes anárquicas<sup>77</sup>. O ácrata cubano, Tarrida, por exemplo, afirmou ser anarquista e expressou “a anarquia sem adjetivos” (1890), pois a anarquia é um axioma e as formas organizativas ou os modelos econômicos adotados (corporativista ou comunitário) são questões meramente secundárias<sup>78</sup>. Já para o espanhol Mela (1900):

(...)

De nossa parte nos limitamos a registrar um fato: anarquistas de todas as crenças caminham resolutamente para [...] uma grande síntese social, que abraça todas as diversas manifestações de ideais. A marcha é silenciosa: em breve haverá o rumoroso desmembramento (...).<sup>79</sup>

Assim, tendo em vista as especificidades dos anarquistas italianos em São Paulo, especialmente de Angelo Bandoni, temos por hipótese que grande parte das práticas desses militantes não comportam um enquadramento fixo nas classificações até então formuladas, já que a tradição italiana recebeu historicamente a influências de múltiplas tendências.

59

## Considerações Finais

Por tudo que foi exposto, este artigo buscou demonstrar que a crítica formulada por Angelo Bandoni contra as organizações possuiu maior ênfase no que tange às associações sindicais. Mesmo assim, essa relação de antagonismo estabelecida por Bandoni, apesar de evidente em seus textos, não foi coerente na prática, tendo em vista que as escolhas assumidas ao longo de sua militância contrariaram esse posicionamento. Apesar disso, foi possível ressaltar que esse antissindicalismo possuiu como explicação histórica a realidade sindical italiana no final do século XIX, já que era lugar ocupado hegemonicamente pelos socialistas reformistas. É por essa razão, que acreditamos que Bandoni tendeu a compreender as organizações profissionais como um empecilho a tão almejada revolução social. Essa percepção, inclusive, talvez possa ser estendida a outros anarquistas de origem italiana e aos

<sup>75</sup> Ver também o seguinte texto: Mella, Ricardo. Libre cooperación y colectivismo anarquista, S. d., Disponível em: <https://bibliotecanacionandaluzasevilla.files.wordpress.com/2008/09/libre-cooperacion-y-colectivismo-anarquista1.pdf>, Acesso: 02 ago 2017.

<sup>76</sup> Entre aspas, com a preocupação de não incorrer em um possível anacronismo, visto que o movimento de síntese acontecerá em ocasião bem posterior, isto é, na década de 1920, com Sebastian Faure, Volin, em contraposição aos plataformistas, conforme já ressaltamos.

<sup>77</sup> Codello, Francesco. Un anarchismo senza aggettivi, A rivista anarchica, Milão, ano 47, n. 416, p. 59-60, maio, 2017, p. 59.

<sup>78</sup> Tarrida, Fernando. Anarquía sin adjetivos, Germinal, n. 4, p. 129-136, out., 2007.

<sup>79</sup> “Per parte nostra ci limitiamo a registrare un fatto: anarchici di tutte la credenze cammiano resolutamente verso la [...] di una sintesi sociale, che abbraccia tutte le diverse manifestazioni dell’ideale. La marcia è silenziosa: presto avverrà il rumorosa smembramento (...)” (*L’Azione Anarchica*, 19 de novembro de 1905, “L’Anarchismo nascente”).



grupos editoriais da imprensa libertária aos quais fizeram parte no Brasil e que também se opuseram aos sindicatos enquanto estratégia de luta, como foi, por exemplo, o caso do jornal *La Battaglia*.

Por tal razão, não é possível supor, como fizeram algumas análises historiográficas, como por exemplo os autores do livro *Black Flame*, que esse antissindicalismo dos anarquistas italianos em São Paulo tivesse como explicação uma possível proximidade com o individualismo (ou insurrecionalismo para alguns) proposto por Luigi Galleani. Mas, ao tratar especificamente de Angelo Bandoni, o artigo buscou demonstrar a inconveniência de usar classificações para definir um militante entre as correntes do anarquismo. De tal modo que, pelas multiplicidades teóricas assumidas, as contradições e as complexidades apresentadas, a melhor maneira encontrada para defini-lo seria a de um “anarquista sem adjetivo”, saindo, assim, em defesa de uma síntese entre as vertentes.

A trajetória biográfica de Angelo Bandoni possibilitou contato direto com um dos segmentos do movimento anarquista brasileiro que floresceu durante a primeira República. Se no passado o anarquismo no país era compreendido como sendo uma voz uníssonas em todas as regiões que se desenvolveu, as recentes interpretações históricas voltadas para os percursos individuais fazem emergir novas perspectivas que antes passavam despercebidas. Assim, no âmbito do cenário nacional, os militantes em São Paulo possuíam características próprias (o mesmo vale para as demais regiões do país). Por sua vez, entre aqueles que pertenciam à comunidade italiana, as manifestações libertárias se davam sob o crivo de outras especificidades fazendo ramificar ainda mais essas seções. Por essas e outras razões, consideramos que as diversas classificações existentes não dão conta de definir toda a complexidade existente nas ações de militância, motivo pelo qual, entre a propaganda e a educação, a incapacidade de adjetivação de Bandoni faça ressaltar a sua multiplicidade teórica.

60

## Referências

### Referências bibliográficas

Antonioli, Maurizio. A U.S.I. O Sindicalismo Revolucionário Italiano, Colombo, E. e Colson, D. et al. (orgs), História do movimento operário revolucionário, São Paulo, Imaginário, São Caetano do Sul, IMES, 2004.

Avilés, Juan. Un punto de inflexión en la historia del anarquismo: El congreso revolucionario de Londres de 1881, Cuadernos de Historia Contemporánea, v. 34, p. 159-180, 2012.

Bakunin, Mikhail. Revolução e Liberdade. Cartas de 1845 a 1875, São Paulo, Hedra, 2010.

Benevides, Bruno Corrêa de Sá e. A educação libertária como “nova tendência revolucionária”: as experiências pedagógicas de Angelo Bandoni, Revista Latino-Americana de História, vol. 7, n. 19, jan./jul., 2018.

\_\_\_\_\_. O Anarquismo sem adjetivos: a trajetória libertária de Angelo Bandoni entre propaganda e educação, Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Biondi, Luigi. Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920, Campinas, Ed. Unicamp, 2011.

Berthier, Rene. Commentaires sur “Black Flame” et divers autres ouvrages. Reflexions sur l'anarchisme et le syndicalisme révolutionnaire, Cercle d'Études libertaires Gaston-Leval, 2017.



- Blay, Eva. Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo, São Paulo, Nobel, 1985.
- Bourdieu, Pierre. A ilusão biográfica, Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaina (org.). Usos & abusos da história oral, 8.ed., Rio de Janeiro, FGV, 2006.
- Corrêa, Felipe. Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica, Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- Codello, Francesco. Un anarchismo senza aggettivi, A rivista anarchica, Milão, ano 47, n. 416, p. 59-60, maio, 2017.
- Fedeli, Ugo. Gigi Damiani. Note biografiche: il suo posto nell’anarchismo, Cesena, L’Antitato, 1954.
- Felici, Isabelle. Gli anarchici italiani di San Paolo e il problema dell’organizzazione operaia (1898-1017), Blengino, Vanni, Franzina, Emílio e Pepe, Adolfo. La riscoperta delle Americhe: Lavoratori e sindacato nell’emigrazione italiana in America Latina (1870-1970), Teti Editore, 1994.
- Hobsbawm, Eric. A era dos impérios (1875-1914), 16ª Ed, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013.
- Khoury, Yara Maria. Edgard Leuenroth, uma voz libertária: imprensa, memória e militância anarco-sindicalista, São Paulo, USP, 1989.
- Kropotkin, Piotr. A Conquista do Pão, Lisboa, Guimarães editores, 1975.
- Levy, Carl. Gramsci and the Anarchist, New York, Berg, 1999.
- Malatesta, Errico. Um pouco de teoria, Escritos Revolucionários, São Paulo, Novos Tempos, 1989.
- Marini, Gualtiero. Revolução, anarquia e comunismo: às origens do socialismo internacionalista italiano (1871-1876), 378 f., Dissertação (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- Mella, Ricardo. Libre cooperación y colectivismo anarquista, S. d., Disponível em: <https://bibliotecanacionandaluzasevilla.files.wordpress.com/2008/09/libre-cooperacion-y-colectivismo-anarquista1.pdf>, Acesso: 02 ago 2017.
- Nascimento, Rogério H. Z. Florentino de Carvalho. Pensamento social de um anarquista, Rio de Janeiro, Achiamé, 2000.
- Nettlau, Max. História da anarquia: das origens ao anarco-comunismo, São Paulo, Hedra, 2008.
- Pernicone, Nunzio. Italian Anarchism, 1864-1892, New Jersey, Princeton Legacy Library, 1993.
- Rey, Didier. Historique des migrations en Corse depuis 1789, PESTEIL, Ph (Org.). Histoire et mémoires des immigrations en région Corse, Corte: Université de Corse – Pascal Paoli, 2008.
- Romani, Carlo. Oreste Ristori: uma aventura anarquista, São Paulo, Annablume, 2002.
- \_\_\_\_\_. História e historiografia do anarquismo italiano: das origens até 1907, Rede-A, [S.l.], v.3, n. 2, p. 3-23, jul/dez, 2013.
- Rossineri, Patrick. Entre a plataforma e o partido: as tendências autoritárias e o anarquismo, Piracicaba, Ateneu Diego Giménez, 2011.
- Samis, Alexandre. Introdução, MALATESTA, Errico. Entre Camponeses, São Paulo, Hedra, 2009.
- \_\_\_\_\_. Minha pátria é o mundo inteiro. Neno Vasco, o anarquismo e o sindicalismo revolucionário em dois mundos, Lisboa, Letra Livre, 2009.
- Santos, Kauan Willian dos. “Paz entre nós, guerra aos senhores”: o internacionalismo anarquista e as articulações políticas e sindicais nos grupos e periódicos anarquistas guerra



sociale e a plebe na segunda década do século XX em São Paulo, Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. Ultrapassando limites, conjurando a liberdade: revolução e nação na trajetória política de Angelo Bandoni em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX, *Revista Mundos do Trabalho*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 57-74, 2016.

Senta, Antonio. Luigi Galleani e l'anarchismo antiorganizzatore. Itália, Edizioni Bruno Alpini, 2012.

Tarrida, Fernando. Anarquía sin adjetivos, *Germinal*, n. 4, p. 129-136, out., 2007.

Toledo, Edilene. Travessias Revolucionárias: ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945), Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

Van der Walt, Lucien e Schmidt, Michael. *Black Flame. The revolutionary class politics of Anarchism and Syndicalism*, Oakland (CA), AK Press, 2009.

### **Periódicos utilizados**

*Correio Paulistano*, São Paulo.

*Germinal*, São Paulo.

*Guerra Sociale*, São Paulo.

*L'Azione Anarchica*, São Paulo.

*La Barricata-La Battaglia*, São Paulo.

*La Battaglia*, São Paulo.

*La Propaganda Libertaria*, São Paulo.